

CIES e-WORKING PAPER N° 23/2007

A biblioteca e os seus públicos: uma proposta interpretativa

EDUARDO ALEXANDRE RODRIGUES

CIES e-Working Papers (ISSN 1647-0893)

Av. das Forças Armadas, Edifício ISCTE, 1649-026 LISBOA, PORTUGAL, cies@iscte.pt

Eduardo Alexandre Rodrigues é licenciado em Sociologia pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE) onde actualmente frequenta o programa de doutoramento em Sociologia. É investigador no CIES-ISCTE onde tem vindo a desenvolver trabalho nas áreas da sociologia da família e do género e da sociologia da cultura.

Resumo

Este trabalho resulta de uma investigação realizada na Biblioteca Municipal José Saramago (BMJS), em Loures, durante a qual foi construída uma proposta de interpretação sociológica dos seus públicos. Tem, por isso, dois objectivos principais e relacionados entre si: primeiro, enquadrar os resultados obtidos e as interpretações avançadas no plano articulado da sociologia da cultura e da sociologia das classes sociais, particularmente em algumas abordagens recentes dos chamados públicos da cultura; depois, contribuir para uma discussão crítica, empiricamente informada, do panorama da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas (RNBP) através de um estudo de caso.

Relativamente ao primeiro ponto, ele deriva da aplicação de instrumentos teóricos e metodológicos filiados na sociologia, mais especificamente nos ramos da disciplina que directamente lidam com questões que foram centrais na investigação: práticas culturais, composição social dos públicos da cultura, modos de relacionamento entre os indivíduos e o(s) saber(es). A possibilidade de aplicação desses instrumentos no decorrer de uma investigação empírica apoiada numa permanência quotidiana e prolongada no contexto em estudo abriu caminho, através da exploração dos resultados obtidos, a uma reflexão sociológica mais alargada.

As análises realizadas ajudaram, por outro lado, a ilustrar como se processa, no caso estudado, a operacionalização dos parâmetros básicos de funcionamento das bibliotecas públicas portuguesas, nomeadamente no respeitante aos resultados dessa concretização tal como eles são captáveis ao nível da composição social dos públicos e das modalidades de utilização postas em prática. Tornou-se então possível perspectivar sociologicamente a realidade da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas a partir deste estudo de caso, enquadrando os resultados obtidos no conjunto de reflexões já disponível.

Palavras-chave: públicos da cultura, bibliotecas públicas, classes sociais.

Abstract

This paper presents a sociological interpretation of the “publics”/audiences of a public library, supported by an empirical research. It has, therefore, two main goals which are interconnected: to put the data obtained and the interpretations drawn from it in the double framework of the sociology of culture and the sociology of social classes, particular emphasis being given to recent approaches of the so-called cultural “publics”/audiences; and to contribute, with this case study, to the ongoing discussions regarding the Portuguese Network of Public Libraries.

The first goal derives from the mobilization of a theoretical and methodological framework within the discipline of sociology, focused on apprehending cultural practices, the social patterns of cultural “publics”/audiences, and the meanings of the relationships established between agents and various types of knowledge. The interpretations elaborated to make sense of the empirical data helped to open more general paths of sociological reasoning.

Regarding the second goal, the analyses carried out also helped to understand how the general objectives and missions of the Portuguese public network are carried out in a specific library. Particular importance was given to the analysis of the impacts of those missions and objectives on the social properties and the various modes of relationship with the library that characterize the people who use it.

Key Words: cultural “publics”/audiences, public libraries, social classes.

1. Introdução

A produção sociológica sobre as bibliotecas públicas portuguesas avolumou-se nos últimos anos. Várias dimensões de problematização têm sido exploradas, seja pelo lado da reflexão sobre o seu papel social e cultural e serviços associados, seja pela discussão das suas potencialidades como esfera pública contemporânea, seja ainda pela vertente de caracterização dos públicos que as frequentam e das actividades que nelas têm lugar. Já plenamente sedimentada em termos institucionais e integrada nos territórios físicos e simbólicos onde se inserem os múltiplos pólos que a constituem, a Rede Nacional de Bibliotecas Públicas (RNBP), nas suas implicações sociais, culturais e políticas, assume hoje uma visibilidade forte e que tem vindo a suscitar o interesse dos sociólogos da cultura, interesse já traduzido num conjunto de trabalhos de índole variada e a propósito dos quais se pode falar, com alguma propriedade, da existência de conhecimento adquirido sobre as significações sociológicas das bibliotecas em Portugal. Muito há ainda, contudo, por compreender e o presente trabalho insere-se nessa recente linha de investigação com vários objectivos: recuperar, através de um estudo de caso, modelos analíticos utilizados a propósito de públicos da cultura, adaptando-os a uma perspectivação das bibliotecas; explorar alguns questionamentos suplementares e esboçar algumas propostas interpretativas.

Assim, o ponto de vista aqui adoptado é devedor de um conjunto de problemáticas teóricas que podem ser recuperadas com vantagem numa abordagem à realidade empírica da RNBP: as discussões em torno das lógicas de distinção e heterogeneidade dos consumos e práticas culturais e dos processos sociais de selectividade e diversificação que subjazem à composição dos públicos da cultura; as questões relativas às definições, perfis e comportamentos desses públicos; as apreciações do papel das bibliotecas públicas como agentes de “democratização cultural”, papel indissociável da sua natureza multidimensional de esfera pública.

Aqui procurou-se sobretudo, recorrendo a um estudo de caso, compreender *as relações estabelecidas entre os indivíduos e a biblioteca*, a partir da hipótese genérica de partida de que essas relações são de duplo sentido, complexas, multidimensionais e negociadas entre os vários agentes em presença. Procurou-se, naturalmente dentro dos limites de um determinado campo de pertinência analítica, elaborar algumas interpretações sociológicas suscitadas pela identificação dos públicos de uma biblioteca específica, com a ajuda de um modelo de análise multidimensional que articula

estruturas, disposições, contextos e práticas e de uma investigação empírica prosseguida através da mobilização de um conjunto de métodos e técnicas de recolha de informação. Trata-se, portanto, de um estudo de caso, mas que não deixa por isso de remeter para universos sociais mais amplos¹.

Concretizando um pouco mais, tratou-se de identificar e interpretar, por um lado, formas de utilização dos serviços, dos espaços, dos suportes e das actividades de uma biblioteca específica e, por outro, opiniões e avaliações sobre o equipamento. Essas práticas e representações mapeadas foram depois lidas em função dos perfis sociais dos utilizadores previamente identificados a partir da recolha de elementos sociodemográficos, socioeconómicos e socioeducacionais, permitindo assim a elaboração de um retrato matizado das relações estabelecidas entre os indivíduos e a biblioteca.

A exploração analítica levada a cabo ajudará também a ilustrar como se processa, num contexto específico, a operacionalização das premissas básicas de funcionamento das bibliotecas públicas portuguesas, nomeadamente no respeitante aos resultados dessa concretização tal como eles são captáveis ao nível da composição social dos utilizadores e das modalidades de utilização postas em prática; é esse um passo importante para, em trabalhos posteriores, ser possível perspectivar de uma forma sociologicamente mais rigorosa e abrangente a realidade da RNBP.

A aplicação de um inquérito por questionário assumiu primazia na estratégia de recolha da informação, aplicação complementada por outras técnicas: observação directa, conversas informais, entrevistas e análise documental². A permanência quotidiana e prolongada no terreno, que foi possível concretizar na BMJS, permitiu que o contacto com todo o tipo de contextos e situações que compõem a tessitura do dia-a-dia da instituição trouxesse contributos importantes, em termos de elementos empíricos recolhidos, para a reflexão sobre a constituição interna da biblioteca e os seus modos de funcionamento e também acerca das relações que ela estabelece com os seus utilizadores e dos sentidos que a propósito dela vão sendo construídos e negociados.

¹ A investigação que está na origem deste trabalho decorreu em 2005 na Biblioteca Municipal José Saramago (BMJS), em Loures.

² Os benefícios analíticos que advêm da conjugação flexível de diferentes métodos e técnicas de recolha da informação – nomeadamente por permitir o alargamento do campo de observação – têm sido destacados por vários autores, quer em termos genéricos de investigação sociológica (Costa, 1986: 132, 140-141; Burgess, 1997: 157-180; Machado, 2002: 7-8) quer em diversas abordagens dos públicos da cultura (ver, por exemplo, as contribuições reunidas em AA. VV., 2004, particularmente Santos, pp. 8 e Pinto, pp. 25-26) e dos públicos da ciência (Costa, Ávila e Mateus, 2002: 21-22) directamente relevantes para este trabalho.

Interessa notar por fim que neste *working-paper* foram seleccionadas para apresentação apenas algumas das várias dimensões de análise que fizeram parte da investigação. Trata-se por isso de um produto inevitavelmente provisório, mas também muito parcelar. Visa apenas apresentar sumariamente uma proposta de interpretação suscitada por um conjunto vasto de materiais empíricos cuja apresentação não pode ser aqui feita.

Contudo, antes de explicitar o modelo analítico utilizado e de esboçar algumas linhas de interpretação, interessa identificar brevemente o objecto empírico que serviu de referência ao desenho da investigação.

2. A Biblioteca Municipal José Saramago no quadro da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas

A RNBP surgiu em Portugal no final dos anos 80 como resposta do Estado à frágil situação em que se encontrava o parque de bibliotecas públicas do país³. Entre outros factores, o surgimento de novas necessidades e identidades culturais e a elevação genérica dos níveis de escolaridade tornaram ainda mais visíveis os obstáculos existentes desde há muitos anos, em termos de oferta de leitura pública. Dado o primeiro passo, que foi a assunção por parte do poder político, a partir de 1987, da tarefa de alargar a todo o país uma rede de bibliotecas que partilhassem um conjunto de missões e serviços fundados numa ambição programática abrangente de democratização cultural, identificada com a satisfação das necessidades de toda a população em termos educativos, culturais e de informação (IPLB, 2002), a sedimentação da Rede tem vindo a fazer-se – pese embora a heterogeneidade de situações, casos de sucesso e insucesso, abrandamentos e acelerações – de forma paulatina e, em muitos aspectos, inovadora. Hoje, passados quase vinte anos desde o seu início, a experiência de desenvolvimento da RNBP tem vindo a inspirar outros projectos, dado o consenso generalizado que entretanto se estabeleceu acerca do seu sucesso global e dos conceitos operacionais que lhe subjazem: em 1998 foi lançado o Programa de Apoio à Rede de Arquivos Municipais, em 1999 foram lançadas a Rede Nacional de Teatros e Cineteatros e a Rede Municipal de Espaços Culturais e em 2000 foi criada formalmente a estrutura de

³ Os principais problemas que caracterizavam as bibliotecas portuguesas antes da implementação da RNBP encontram-se identificados em Cabral (1999). Pode também consultar-se, a este propósito, Ventura (2002: 57-63), sendo que uma abordagem recente e muito aprofundada da leitura pública em Portugal, também pré-RNBP, encontra-se em Melo (2004).

projecto incumbida de conduzir a consolidação da Rede Portuguesa de Museus (Silva, 2004: 241-248).

A RNBP deu origem ao estabelecimento pioneiro de parcerias entre o poder central (actuais Ministério da Cultura e Instituto Português do Livro e das Bibliotecas) e o poder local (Câmaras Municipais). O programa (IPLB, 2002) assenta sobre um protocolo de colaboração que estipula uma participação de até 50% no investimento inicial, por parte do Estado, cabendo à autarquia o lançamento da obra e os custos com a gestão ulterior do equipamento. O IPLB pode suportar posteriormente actividades culturais várias – itinerâncias de escritores, constituição de comunidades de leitores, realização de exposições, conferências, espectáculos – bem como acções de formação de pessoal e a actualização tecnológica das bibliotecas. Os equipamentos têm como área de actuação o concelho, localizando-se na sua sede – em princípio numa zona central ou particularmente frequentada – e estando prevista a instalação de pólos ou anexos noutras zonas do município, consoante a avaliação feita da distribuição dos habitantes e das suas características sociodemográficas.

Todas as bibliotecas pertencentes à RNBP funcionam apenas a um conjunto de bases programáticas e serviços (IPLB, op. cit.: 5-16; PULMAN, 2002): localização física e formas de actuação pensadas no contexto da envolvente urbana; estruturação do espaço físico interior contemplando secções distintas para os diferentes públicos – infantil/juvenil/adultos – bem como a presença e dinamização de outras zonas relevantes de funcionamento quotidiano como o átrio, a área polivalente e a cafetaria; regime de livre acesso às estantes; empréstimo domiciliário de virtualmente todas as espécies documentais; pluralidade e actualidade de suportes – Internet, livros, revistas, jornais, cd's musicais, vídeos, cd-rom's, DVD's –; apoio a pessoas com necessidades especiais – livros em Braille, equipamentos para amblíopes –; actividades de animação e de promoção do livro e da leitura; apoio à formação de adultos e à autoformação a todos os níveis; gratuidade dos serviços disponibilizados.

Alguns dados da RNBP em Dezembro de 2003 indicavam o seguinte (Silva, 2004: 241-248):

- 119 bibliotecas concluídas e em actividade;
- 118 protocoladas (fases de planeamento e construção) e 41 com contratos-programa celebrados;
- 237 municípios envolvidos na construção da Rede;

- Mais de 50% do total de população do Continente reside em concelhos que dispõem de Biblioteca da RNBP. Em 1997, a população abrangida era cerca de 29% (Freitas, 1998);

- O desenvolvimento da Rede tem sido lento mas constante, com picos de inaugurações nos anos das eleições autárquicas – 1993, 1997 e 2001;

- Em 2002, a Rede foi alargada às Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira.

Somos, portanto, chegados a uma altura em que a RNBP já está suficientemente integrada no panorama cultural do país para que possa ser feita uma apreciação aprofundada dos seus efeitos e dos seus públicos⁴.

A Biblioteca Municipal de Loures (BMJS) faz seus os princípios definidos pela UNESCO sobre as missões e serviços da biblioteca pública (IFLA/UNESCO, 2003: 19-31, 117-120), adoptados pelo programa da RNBP (IPLB, 2002) e que podem ser agrupados em dimensões de satisfação de necessidades educativas, informacionais, culturais e de lazer. O objectivo último é contribuir para a “democratização cultural” definida em sentido genérico. No seu quadro normativo (BMJS, 2001), a biblioteca municipal de Loures propõe-se contribuir, entre outras coisas, para estimular hábitos de leitura nos diversos públicos, apoiar a educação formal e a autoformação, propiciar a familiaridade com diversos tipos de suportes e formas de leitura (escrita, imagem, som e multimédia), estimular a procura e facilitar o acesso a informação actualizada (técnica, científica e também genérica e quotidiana) e proporcionar o contacto e o desenvolvimento de capacidades de utilização das tecnologias da informação.

Na operacionalização destes objectivos, a BMJS constitui-se como modelo relativamente aos princípios de funcionamento das bibliotecas públicas definidos no âmbito da Rede. Sendo o equipamento central de uma projectada rede concelhia de bibliotecas (Câmara Municipal de Loures, 2000), foi inaugurada em 30 de Novembro de 2001 e veio substituir, como serviço municipal de leitura pública e incorporando os fundos documentais já existentes, a biblioteca fixa n.º 93 da Fundação Calouste

⁴ Embora uma apreciação global sobre a RNBP ainda não exista, já estão disponíveis vários trabalhos sociológicos sobre as bibliotecas municipais. Destacam-se as monografias publicadas no âmbito do projecto conjunto do Observatório das Actividades Culturais e Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, *Sobre a Leitura* – Monteiro (1999), Aleixo, Pinto e Cruz (1999), Fortuna e Fontes (2000), Alves e Ricardo (2000), Moura (2001), Ferreira, Mendes e Pereira (2001), Lopes e Antunes (1999, 2000, 2001) – , bem como a obra publicada por Brasão e outros (2004) sobre as bibliotecas públicas da região de Lisboa e o livro de Nunes e Neves (2005) acerca das Bibliotecas Municipais de Cascais. Uma abordagem mais abrangente da problemática das bibliotecas foi feita por Ventura (2002). A avaliação levada a cabo por Eduardo de Freitas (1998) oferece uma panorâmica geral do parque nacional de bibliotecas através da reunião de um conjunto de estatísticas oficiais.

Gulbenkian, que funcionou em Loures entre 1965 e 2001. Foi construída de raiz numa tipologia BM3⁵, tendo uma área útil de 2183 m² distribuída por 4 pisos e pelas seguintes áreas funcionais:

- No piso 1, o Espaço Infantil, a Bebeteca e a Sala do Conto. O espaço infantil, à imagem do espaço juvenil/adultos, oferece acesso livre a uma pluralidade de colecções, apenas constituídas com os utilizadores mais novos em mente, assim como televisões, postos de audição musical e computadores com acesso à Internet.

- No piso 0, a Recepção, onde se processam a prestação de informações, o atendimento ao público e os empréstimos e devoluções de livros; a Sala Polivalente com 120 lugares sentados e amovíveis, onde costumam decorrer as actividades culturais, educativas e de informação; a Cafeteria e também o Átrio, onde são realizadas exposições e disponibilizadas informações várias sobre o equipamento e o município.

- No piso -1, o Espaço Juvenil/Adultos onde estão localizadas e organizadas as principais colecções da biblioteca – livros, revistas, jornais, cd's musicais, vídeos e cd-rom's – assim como os computadores a partir dos quais é possível aceder à Internet, utilizar o pacote *Microsoft Office* e os cd-rom's. Existem também neste espaço postos de escuta dos cd's e televisões para o visionamento dos vídeos, para além de uma área reservada a trabalhos de grupo. É permitida a utilização de documentação pessoal e de computadores portáteis.

- No piso -2, os serviços internos, compostos pelo apoio administrativo, os serviços técnicos de tratamento documental, o depósito e o Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares (SABE's).

A BMJS oferece, para além da consulta presencial e do livre acesso às colecções, serviço de empréstimo domiciliário de todos os suportes, exceptuando os jornais, as revistas e os DVD's, serviço de apoio a cegos e amblíopes, catálogo automatizado, serviço de referência, serviço de reprografia, visitas guiadas e actividades de promoção do livro e da leitura - animações de livros, comunidades de leitura, encontros com escritores, exposições e prémios literários. Todos os serviços, exceptuando os de reprografia e cafeteria, são gratuitos. A sala polivalente é também utilizada no âmbito de múltiplas iniciativas externas à biblioteca, nomeadamente por parte de instituições sedeadas no concelho. O equipamento está aberto ao público entre

⁵ Os programas-tipo do IPLB estipulam três modelos de biblioteca, com diferentes atributos de espaço, equipamentos e pessoal consoante a dimensão do concelho em causa: BM1 para concelhos com menos de 20.000 habitantes, BM2 para concelhos entre 20.000 e 50.000 habitantes e BM3 para concelhos com mais de 50.000 habitantes (IPLB, 2002: 3, 19-21).

as 9h15 e as 18h45 durante a semana e entre as 10h00 e as 18h00 ao Sábado, encerrando à Segunda-feira e ao Domingo, sendo o seu funcionamento assegurado por uma equipa de 29 pessoas.

3. Quadro analítico

Quem são os utilizadores da BMJS? Em que circunstâncias a frequentam? Como é que a utilizam? No fundo, como se relacionam esses indivíduos com a biblioteca? Foi a partir destes questionamentos básicos que elegi o conjunto de problemáticas sociológicas pertinentes e sobre o qual construí o modelo de análise que enquadrou a investigação e que interessa aqui apresentar.

Tratava-se portanto, à partida, de proceder à reunião de um conjunto de elementos empíricos que permitissem esboçar um retrato sociológico tanto quanto possível fiel dos utilizadores da biblioteca, seus perfis sociais e suas práticas de utilização do equipamento. As perguntas iniciais serviram para definir um conjunto de coordenadas orientadoras de todo o trabalho, indicando caminhos e orientando o foco analítico; a parametrização dessas coordenadas ocorreu posteriormente a partir da constituição do modelo analítico, a que se sucedeu a elaboração de guiões de entrevista, de grelhas de observação directa e de um diário de campo, assim como do inquérito por questionário que constituiu o principal instrumento de recolha da informação.

Procedendo a uma afinação terminológica das perguntas iniciais, podem formular-se assim os questionamentos básicos que guiaram a investigação:

- Quais são as características sociodemográficas, socioeducacionais e socioprofissionais dos utilizadores da biblioteca? Que perfis sociais e segmentações se reconhecem? (Quem utiliza a biblioteca?)

- Que práticas são identificáveis em termos de frequência do equipamento? E no que diz respeito à apropriação dos seus espaços, serviços, colecções e suportes? De igual maneira, que perfis de utilização e fraccionamentos se podem surpreender? (Como é utilizada a biblioteca?)

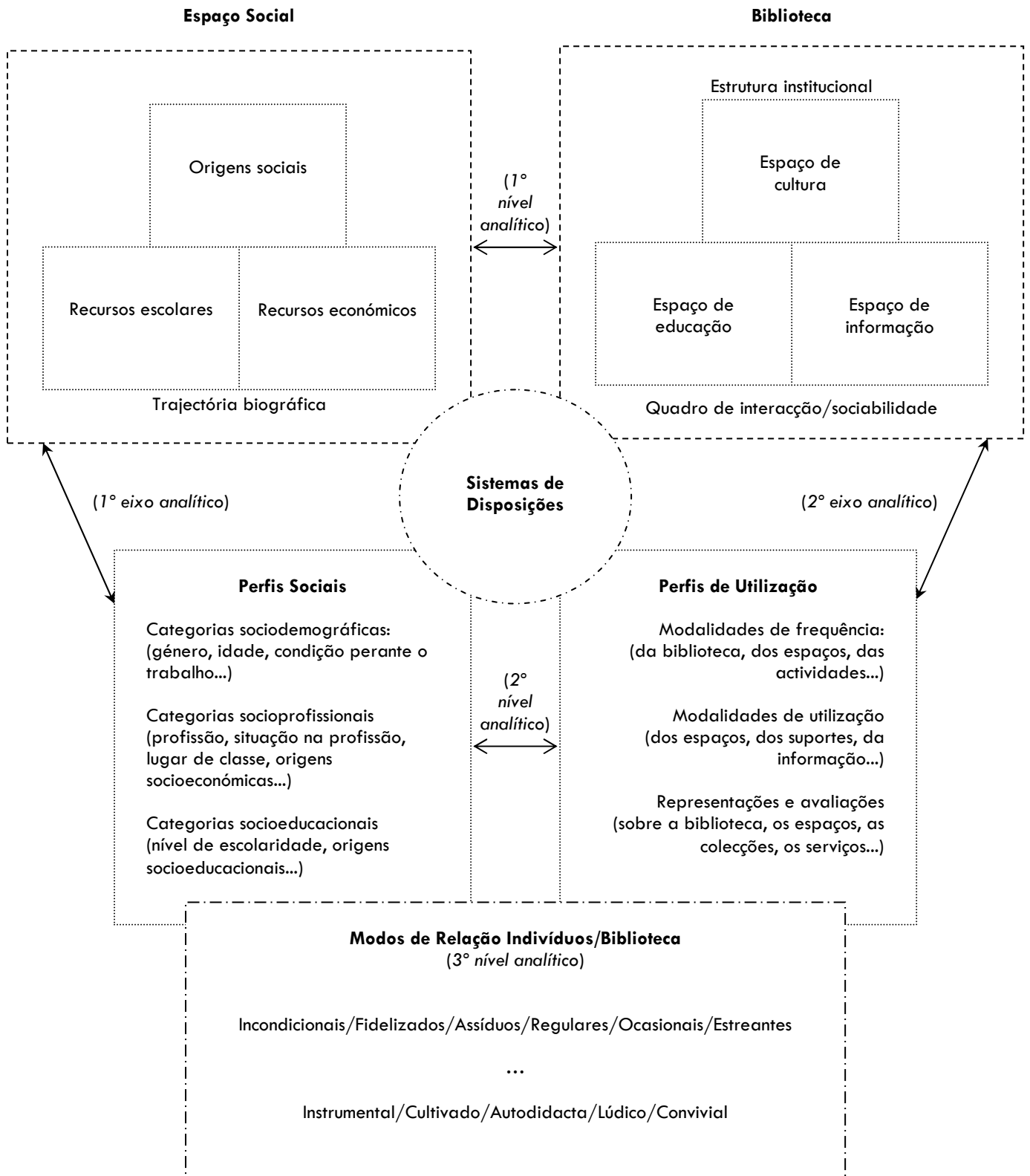
- Como se reportam as práticas de utilização, por intermédio dos sistemas de disposições incorporados pelos agentes, às características sociais? (Quem utiliza o quê e como na biblioteca?)

- Que representações e valorações simbólicas constroem os indivíduos a propósito da biblioteca?

Estas questões podem ser vistas como os fundamentos dos vários eixos de problematização cujo entrecruzamento constitui o modelo analítico (**Figura 1**), que tentarei agora apresentar de forma sintética.

O quadro interpretativo adoptado tentou operacionalizar as discussões teóricas em torno dos públicos da cultura, adaptando-as à realidade específica de uma biblioteca da RNBP; estrutura-se em torno de dois eixos e três níveis analíticos que procuram articular estruturas, disposições, contextos e práticas.

Figura 1
Modelo analítico



Retomando as propostas de Bourdieu (1979, 1998, 2002) acerca das articulações entre posições, disposições e tomadas de posição, no primeiro eixo analítico são identificadas as coordenadas dos indivíduos no espaço social, pela consideração dos seus capitais económicos e escolares, e constroem-se conjuntos de categorias sociodemográficas, socioprofissionais e socioeducacionais que traduzem essas posições. O volume e estrutura dos recursos de que os indivíduos dispõem, reportáveis à origem familiar, à posição actual e à trajectória biográfica, são determinantes na definição das suas condições sociais de existência, nas experiências que vivem e nas socializações que sofrem, o que resulta na incorporação *provável* de formas de pensar e maneiras de agir constitutivas de sistemas de disposições estruturados. As práticas culturais dos indivíduos aparecem assim *tendencialmente* associadas a esses habitus. Procura-se, neste eixo de questionamento interpretativo, medir *pertenças objectivas e disposições prováveis*, sem postular a existência de relações directas entre estruturas e práticas nem a existência de habitus unificados e coerentes (Lahire, 2002, 2003, 2004).

O que a identificação de um conjunto de características sociais estruturantes das subjectividades permite é, por um lado, dar uma imagem abrangente dos frequentadores da biblioteca, permitindo aferir probabilidades diferenciais de acesso a partir de uma perspectiva comparativa com os dados conhecidos para populações de referência; por outro lado, a construção analítica de categorias é uma ferramenta heurística útil para averiguar dos graus de homogeneidade/selectividade e de diversidade/segmentação dos públicos (Gomes e outros, 2000: 43-71; Santos, 2001: 25-81; Santos, 2002: 71-99). Nesta linha, assume particular importância a análise dos utilizadores da biblioteca a partir de uma perspectiva sociológica informada pela problemática das classes sociais: tal como é aqui encarada, essa problemática permite considerar as práticas e representações dos indivíduos relativamente à biblioteca em face de um feixe articulado de pertenças e atributos sociais – origem social, condição perante o trabalho, profissão, nível de escolaridade, etc. – que descodificam algumas coordenadas fundamentais para situar os agentes no espaço social e, concomitantemente, no espaço das práticas culturais. O equacionar de perfis sociais dos públicos – que a conjugação das variadas origens e pertenças de classe e de “variáveis secundárias” (Bourdieu, 1979) como a idade (definindo categorias etárias), o sexo e o local de residência, permite construir –, não constituindo a única aproximação possível à explicação das práticas de frequência, utilização e avaliação da biblioteca, assume, certamente, um lugar importante.

Refira-se que qualquer abordagem mais minuciosa ou intensiva dos públicos da cultura em geral, e das bibliotecas em particular, tem que partir do conhecimento prévio das estruturas objectivas que subjazem à complexidade dos comportamentos e representações⁶. Tendo em conta o carácter exploratório deste estudo, deficiências e lacunas nas estatísticas oficiais da BMJS e também o cariz recente dos estudos sobre a Rede de Bibliotecas Públicas em Portugal, bem como a inexistência de um trabalho suficientemente abrangente e aprofundado sobre a mesma, pareceu-me imperativa uma abordagem que privilegiasse desde logo a dimensão extensiva de recolha da informação. Análises posteriores poderão complexificar os parâmetros interpretativos adoptados neste trabalho, através, por exemplo, de uma exploração mais circunstanciada dos hábitos culturais dos indivíduos que permita enquadrar as suas relações com a biblioteca num quadro de práticas complementares: leitura doméstica de livros, jornais e revistas, visionamento doméstico de televisão, audição doméstica de música, frequência de concertos, cinemas e museus, outras saídas culturais, etc.

O segundo eixo analítico convoca as conceptualizações em torno da especificidade da biblioteca pública como estrutura institucional e como contexto de interacção/sociabilidade, à qual subjaz um conjunto de características de esfera pública (Ventura, 2002). As práticas de frequência e utilização do equipamento são neste quadro reportadas aos modos específicos de estruturação do contexto que as sustenta e que podem ser apercebidos em termos morfológicos, relacionais e simbólicos; a biblioteca é considerada como quadro de interacção específico (Costa, 1984, 1999). Assim, são conceptualmente considerados três sub-espacos da biblioteca, articulados entre si mas destrincháveis para efeitos de análise, que organizam os seus modelos de funcionamento e os serviços oferecidos, e a partir dos quais se podem traçar modalidades variáveis de apropriação: educacional, informacional e cultural. As relações que os indivíduos estabelecem com cada um destes espacos, utilizando os palcos físicos, as colecções, os suportes e a informação que os constituem, concretizam-se através de vários parâmetros de modulação. Falo, nomeadamente, da concretização institucional concreta das missões e objectivos programáticos de democratização assumidos pela biblioteca na sua natureza de esfera pública contemporânea (que privilegia a abertura e a acessibilidade, a universalidade e o pluralismo, a neutralidade e a imparcialidade), e das suas

⁶ Pinto (2004: 26) refere que “a análise conduzida à escala macro e meso segundo procedimentos de natureza mais extensiva, convencionalmente associados à sociologia, tem precedência lógica e teórica sobre os procedimentos observacionais ditos “etnográficos”, desde logo porque só através dela é possível descortinar critérios pertinentes de selecção dos casos a investigar.”

características como quadro de interação. Semelhante entendimento permite identificar os diversos consumos e utilizações que os indivíduos levam a cabo no espaço global da biblioteca ajudando à sua tipificação; fica assim mais fácil compreender as relações que se estabelecem entre as acções e representações e a contextura onde elas acontecem, na medida em que esses termos se determinam mutuamente: ao mesmo tempo que a biblioteca como contexto estruturado configura um espaço (físico, relacional e simbólico) de possíveis, assim os indivíduos dela se apropriam segundo disposições de comportamento que se articulam de maneira diversa e com diferentes graus de homologia com os espaços, os funcionários, os outros utilizadores, os suportes, a informação. As relações assim estabelecidas entre as pessoas e a biblioteca têm também que ser compreendidas a partir dos sentidos que lhes são atribuídos pelos agentes e que se traduzem em modalidades e práticas de frequência e utilização; os conteúdos concretos desses sentidos devem parte importante da sua constituição àquilo que os vários sub-espacos estruturados potenciam (possibilitando) e desincentivam (excluindo).

Estes dois eixos analíticos verticais, por assim dizer, estão articulados horizontalmente a partir de três níveis principais. Simplificando muito, podem ser resumidas nas seguintes proposições sintéticas as relações de influência recíproca entre estruturas, disposições, contextos e práticas que essas articulações configuram:

- O espaço social e a biblioteca constituem as duas esferas principais – de inculcação ambas, de activação a segunda – a partir do qual devem ser entendidas as disposições dos indivíduos (1º nível analítico), e que se traduzem em perfis sociais reconhecíveis e em perfis de utilização identificáveis (2º nível analítico).

- A inserção dos indivíduos no espaço social concretiza-se a partir da distribuição diferencial de capitais económicos e culturais, cujo volume e estrutura podem ser perspectivados a partir das origens sociais, das posições actualmente ocupadas e, na confluência desses dois factores, da trajectória biográfica. Os sistemas de disposições incorporados a partir das diferentes modalidades de inserção no espaço social estruturam tendencialmente as práticas culturais dos agentes, definindo *probabilidades* diferentes de acesso quer à biblioteca, quer aos vários consumos e práticas possíveis no seu interior. Os públicos podem então, a partir de um conjunto de atributos sociodemográficos, socioprofissionais e socioeducacionais, ser compreendidos a partir da sua segmentação em perfis sociais compósitos (1º eixo analítico).

- A inserção dos indivíduos na biblioteca faz-se através do estabelecimento de diálogos entre os sistemas de disposições e o contexto institucional, físico, relacional e simbólico que a define como quadro de interacção especificamente estruturado. Isso dá origem ao estabelecimento de relações diversas entre os indivíduos e cada uma das dimensões da biblioteca enquanto lugar de acesso à esfera do conhecimento – a escolar, a informacional e a cultural – o que se traduz na existência verificável de modalidades distintas de apropriação dos pontos de acesso a essa esfera (espaços, colecções documentais, suportes de informação, actividades culturais). Trata-se, portanto, de perfis de utilização, compostos por combinatórias diversas de modalidades de frequência, de apropriação e de representações e avaliações formuladas acerca da biblioteca (2º eixo analítico).

- Quer o espaço social quer a biblioteca são afectados, nas suas configurações, por processos e dinâmicas sociais: globalização económica e cultural, inovação tecnológica, diferenciação crescente das sociedades contemporâneas, recomposições económicas e laborais, elevação dos níveis de escolaridade, recrudescimento da importância do conhecimento e complexificação das redes comunicacionais, hibridização dos consumos e práticas culturais, entre outros factores. Têm, por isso, que ser entendidos a partir de lógicas de interconexão e influência recíproca (1º nível analítico)⁷.

- Os perfis sociais e os perfis de utilização intersectam-se de maneira complexa. Temos assim que a determinado perfil social, constituído por uma conjunção específica de variáveis de caracterização, pode corresponder certo perfil de utilização igualmente composto. Não obstante, também é expectável que essas relações surjam segmentadas internamente em cada um dos termos, quer dizer, não interessa apenas observar como perfis sociais previamente construídos se articulam com perfis de utilização, como também importa compreender a maneira como esses perfis se segmentam e como essas segmentações se articulam entre si (2º nível analítico). A um determinado perfil social, por exemplo, pode estar fortemente associado um perfil específico de utilização da

⁷ Um exemplo: o aumento dos níveis genéricos de qualificação escolar e profissional da população portuguesa verificado nos últimos anos deu origem a importantes mudanças estruturais no espaço social – fluxos de mobilidade, protagonismo crescente das classes médias urbanas, etc. – que estão relacionadas directamente com alterações nos padrões de consumo e práticas culturais, nos estilos de vida e nas identidades culturais; todas estas alterações contribuíram, entre outros factores, para a própria afirmação e sedimentação da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas e das suas bases programáticas; por outro lado, os públicos dessas bibliotecas não podem ser compreendidos, nos seus perfis sociais e de utilização, sem serem reportados quer à influência das dinâmicas sociais referidas, quer à configuração actual do espaço social e do espaço das práticas culturais.

biblioteca; num segundo momento de questionamento, contudo, importa olhar para dentro desses perfis de maneira a detectar heterogeneidades e segmentações internas. Uma ilustração: o facto do perfil social quantitativamente mais importante do público ser relativamente homogéneo em termos de juvenilidade, qualificação profissional e recursos escolares (composto, portanto, por uma determinada combinação provável de atributos) e de estabelecer relações privilegiadas de utilização instrumental com a biblioteca – através, portanto, do interface educacional – não invalida que esse perfil seja caracterizado por modos diferenciados de relação com a instituição em termos de combinatórias de práticas de frequência e utilização, modos que é necessário conhecer para compreender cabalmente as implicações sociológicas dos públicos. Isso mesmo se apreende pela presença de utilizadores mais assíduos ou mais ocasionais, mais ecléticos ou mais especializados, empenhados ou indiferentes relativamente ao funcionamento da biblioteca, etc. De igual maneira, um perfil de utilização composto por uma frequência intensa do espaço, uma utilização abrangente dos suportes e um empenhamento no quotidiano da instituição pode ser protagonizado por categorias sociais diferenciadas numa lógica de transversalidade, ou seja, por indivíduos mais velhos e mais desprovidos de recursos económicos e também por pessoas mais novas, mais qualificadas e mais escolarizadas, por exemplo⁸.

- Este último ponto remete para um 3º nível analítico que pode ser encarado como um local de chegada da investigação e sítio de partida para novos desenvolvimentos. De facto, a constatação da existência de diferentes modos de relação com a biblioteca, adaptando as propostas desenvolvida por Costa e outros (2002: 57-84) e Costa (2004) sobre modos de relação com a ciência e com a cultura, e que devem ser compreendidos na intersecção de perfis sociais e perfis de utilização, originou uma tentativa de esboço de uma tipologia qualitativa suscitada pelos elementos empíricos extensivos e por outros dados de observação de natureza intensiva e procedendo a perspetivações comparativas e adaptações de outras tipologias de públicos (Gomes, 2004; Gomes e outros, 2000: 89-109; Santos, 2002: 251-294). Essa tipologia⁹ condensa um conjunto de atribuições de sentido e de modalidades de apropriação particularmente

⁸ Estas considerações são importantes como ponto de partida para uma abordagem dos parâmetros de homogeneidade/segmentação e de selectividade/diversificação que ancoram algumas discussões recentes sobre os públicos da cultura, bem como sobre a natureza mais ou menos unitária ou dissonante dos sistemas de disposições e a consonância ou sincretismo das constelações de práticas culturais (Lahire, 2004, 2005).

⁹ Brevemente explicitada no ponto 4.2 e que inclui os seguintes modos de relação (ideal-típicos) indivíduos/biblioteca: instrumental, cultivado, autodidacta, lúdico e convivial.

significativas, podendo ser articulada com os perfis sociais e os perfis de utilização considerados no 2º nível analítico e também com uma outra tipologia qualitativa elaborada para dar conta das diferentes intensidades e duração temporal que caracterizam as modalidades de frequência da BMJS¹⁰. Essas articulações contribuem para compor um retrato matizado e sociologicamente mais complexo dos públicos da biblioteca. Ao mesmo tempo, como conclusão parcial e precária, elas servem também como princípio desencadeador de outros questionamentos, seja pela vontade assim criada de proceder a uma análise multivariada dos dados estatísticos que possa testá-las; seja por acentuar a necessidade de desencadeamento de novos processos de investigação de natureza qualitativa de maneira a verificar, com maior profusão de pormenores, da sua pertinência; seja ainda por suscitar, a um nível mais geral, novas questões relativamente às relações dos indivíduos não apenas com a biblioteca mas também, mais genericamente, com os outros campos do conhecimento, parcialmente localizáveis na biblioteca, como a cultura e a ciência, por exemplo.

- Outros universos e dinâmicas sociais que contribuem para estruturar os sistemas de disposições dos indivíduos foram considerados na investigação que originou este trabalho como sejam as relações de género, as redes de sociabilidade e a escola, uma vez que as suas influências cruzadas são cruciais na maneira como a biblioteca é percebida, frequentada, utilizada, sentida. No entanto, por não terem sido exploradas todas as dimensões analíticas necessárias a uma apreensão cabal dos parâmetros que essas influências assumem, esses universos foram abordados através da utilização de conceitos com estatuto subsidiário que, permitindo iluminar melhor determinados fenómenos não detiveram, no modelo interpretativo adoptado, centralidade.

4. Algumas linhas de interpretação

4.1 Perfis sociais dos públicos: selectividade e segmentação

Os perfis sociais dos públicos da BMJS podem ser descritos a partir de uma multiplicidade de variáveis de caracterização sociodemográfica, socioprofissional e socioeducacional. A apresentação dos resultados obtidos a propósito desses elementos de composição social tem precedência lógica sobre a descrição dos modos de utilização

¹⁰ Composta por seis grupos (igualmente ideal-típicos) de utilizadores: incondicionais, fidelizados, assíduos, regulares, ocasionais, estreates.

da biblioteca, na medida em que as origens, as inserções, os capitais e as trajectórias dos indivíduos têm uma influência combinada estruturante sobre as suas disposições, representações e práticas: compreender as acções implica, antes de mais, identificar as suas condições sociais de possibilidade. A compreensão dos processos pelos quais os sistemas de disposições são activados (ou não) em determinado contexto – neste caso, na biblioteca – não pode elidir o mapeamento prévio das coordenadas genéricas de incorporação desses habitus, coordenadas que podem ser objectivamente descritas através da construção do espaço social onde os utilizadores se inscrevem e da consideração das suas origens e trajectórias biográficas. É por isso que as práticas se definem, como refere Bernard Lahire, na equação entre a “presença do passado e o presente da acção” (2003: 59-62)¹¹.

Trata-se aqui, no fundo, de começar a construir uma análise das variações sociais. Afinal, antes de avançar na identificação de modalidades de frequência e utilização e de representações e avaliações e suas distribuições diferenciais pelos vários grupos, teoricamente recortados, de indivíduos, é preciso destacar uma variação fundamental, ou seja, antes de perceber *quem utiliza o quê na biblioteca*, é fundamental saber *quem acede à biblioteca*.

Ao longo da investigação essa análise fez-se num duplo registo, simultaneamente um escrúpulo de natureza metodológica – o da homogeneidade e diversidade – que, noutros lugares (Almeida, 1992; Machado, 2002: 129-131), se tem relevado profícuo na compreensão sociológica abrangente da composição social das populações em estudo: o cruzamento de um olhar “de fora” com um olhar “de dentro”. Isso concretizou-se, nos planos operativo e de análise dos resultados empíricos, por um lado, num retrato global do(s) público(s) da biblioteca a partir da descrição das suas características sociodemográficas, socioprofissionais e socioeducacionais (recorrendo a indicadores seleccionados e densos); por outro lado, tentei complementar esse esboço com um conjunto de abordagens mais minuciosas que, explorando diferenciações internas e segmentações detectáveis transversalmente aos conglomerados de características, trouxessem à luz a complexidade dos processos sociais que subjazem à

¹¹ O mesmo autor escreve que “a acção (a prática, o comportamento...) é sempre, portanto, o ponto de encontro das experiências passadas individuais que foram incorporadas sob a forma de esquemas de acção (esquemas sensoriomotores, esquemas de percepção, de avaliação, de apreciação, etc.) de hábitos, de maneiras (de ver, de sentir, de dizer e de fazer) e de uma situação social presente.” (op. cit.: 89). José Madureira Pinto refere também que “a análise dos modos socialmente diferenciados de relacionamento com as obras culturais [...] obriga a interrogar em simultâneo a origem social e classista dos públicos e a estruturação sócio-institucional dos contextos de recepção.” (2004: 25)

constituição dos públicos. Como refere Machado (op. cit.: 130), apenas este cruzamento de olhares sociológicos permite romper com a ilusão de homogeneidade que uma primeira aproximação (ou uma aproximação menos atenta) a determinados grupos – e os públicos da cultura, num sentido lato, são um deles (Costa, 2004) – tende a criar.

A utilização desse procedimento metodológico permitiu assim, associada à exploração *problematizada e integrada* de algumas características sociais basilares das coordenadas de acção dos indivíduos – onde se destacou uma análise de classes multidimensional –, revelar que a composição social dos públicos da BMJS se joga na intersecção complexa de fenómenos de selectividade e de diversificação. Os perfis sociais mapeados podem, a essa luz, ser caracterizados como sendo *plurais*.

Mas outra estratégia metodológica foi seguida, com o intuito de conceder maior amplitude às interpretações feitas através dos olhares de longe e de perto lançados sobre os públicos da biblioteca: a perspectivação comparativa. Procurei, não perdendo a noção dos limites de validade que surgem associados a esse exercício – que têm que ver, nomeadamente, com as diferenças de dimensão entre esta investigação e os trabalhos a que recorri –, enquadrar as características sociais globais dos indivíduos aqui considerados perante aquilo que se conhece quer sobre as propriedades dos públicos de outras bibliotecas (Lopes e Antunes, 1999, 2000, 2001; Monteiro, 1999; Alves e Ricardo, 2000; Fortuna e Fontes, 2000; Ferreira, Mendes e Pereira, 2001; Moura, 2001; Brasão e outros, 2004; Melo, 2004; Nunes e Neves, 2005) e de outros públicos da cultura (Gomes e outros, 2000; Gomes, 2004; Santos, 2001, 2002; Costa, 2004), quer sobre outras populações com alguns pontos de intersecção com eles (como os estudantes universitários) (Mauritti, 2002; Almeida e outros, 2003; Machado e outros, 2003), quer ainda sobre a população do concelho de implantação da biblioteca (Almeida e outros, 1996; Banha, 2001) e a população portuguesa em geral (Machado e Costa, 1998; Costa e outros, 2000; Cardoso e outros, 2005). Ao ter em conta que o(s) público(s) da biblioteca se inscreve(m) num espaço social sujeito a dinâmicas várias de recomposição, a sua colocação em perspectiva permite apreciar o funcionamento das lógicas sociais de diferenciação e recrutamento, e ao mesmo tempo invocar fenómenos de âmbito mais alargado.

O que a articulação destas duas estratégias metodológicas – cruzamento de olhares e perspectivação comparativa – permite, essencialmente, é colocar em evidência contrastes e continuidades cuja consideração é fulcral para decifrar as implicações

sociológicas dos padrões de composição social encontrados: mapeando processos, identificando estruturas, descobrindo exclusões e inclusões.

É preciso dizer também que qualquer fotografia dos públicos da BMJS como a que foi tirada no decorrer da investigação, reportando-se a um momento específico no funcionamento da instituição não pode fazer esquecer que, na realidade, a sua constituição é *dinâmica* e as suas fronteiras porosas, quer dizer, esses públicos estão sempre *em fluxo*.

Transitando deste registo reflexivo para uma consideração mais focada no objecto de estudo convém explicitar brevemente o sentido da expressão *perfis plurais* há pouco utilizada, porquanto ela congrega um conjunto de importantes elementos sociológicos de interpretação.

Em termos de evolução do número de frequentadores de equipamentos culturais em Portugal, no período 1991-2000, as bibliotecas surgem como aqueles em que a utilização mais cresceu, destacando-se claramente face ao cinema, aos teatros e aos museus (Santos, 2002: 58-59 [dados de 1999: INE]). Este factor não pode deixar de ser relacionado com a sedimentação, ao longo do período considerado, da RNBP. Contudo, apesar disso a frequência de bibliotecas é comum a apenas 15% da população portuguesa (Santos, op. cit.: 62), apenas acima das idas ao teatro (10%) ou a espectáculos de dança (7%), das práticas amadoras de expressão artística (5%) e das idas a concertos de música erudita/clássica. Surge por isso associada a um conjunto de práticas de saída cultural particularmente marcadas por princípios de selectividade, rarefacção e distinção simbólica¹².

Ora, o conjunto de características dos indivíduos que frequentam a BMJS pode ser lido em função de um eixo interpretativo que já mencionei: o da selectividade e diversidade. Isto significa que enquanto alguns dos indicadores utilizados para medir a composição social dos públicos apontam para o elevado poder discriminante de certos atributos na determinação das probabilidades de frequência da biblioteca – e, portanto, para alguma homogeneidade global –, outros, ou melhor, a análise integrada de outros indicadores, mostra que esses públicos são atravessados por múltiplas linhas de segmentação, revelando características de alargamento e heterogeneidade.

¹² No respeitante à esfera do lazer, os consumos domésticos são centrais e os mais disseminados no espaço global de práticas dos portugueses, nomeadamente os audiovisuais. As saídas culturais são muito menos frequentes e surgem mais associadas à posse de recursos culturais elevados (op. cit.: 61).

Como traços fortes denunciadores da selectividade social devem destacar-se *a juventude, a condição estudantil, a elevada qualificação profissional e a forte escolarização* dos públicos da biblioteca. Eles estão, obviamente, interrelacionados, e mostram que a BMJS é frequentada, principalmente e simplificando muito, por indivíduos jovens, mais do sexo feminino do que do masculino, geralmente a frequentarem a universidade ou o ensino secundário mas também já integrados em lugares científicos e técnicos do mercado de trabalho que requerem altas qualificações escolares. Este retrato rápido é aquele que outros estudos sociológicos sobre as bibliotecas e também sobre outros públicos da cultura têm veiculado, e nele surge representado, de facto, o perfil mais comum dos utilizadores da RNBP.

Mas uma dilucidação sociológica da composição social dos públicos não se pode ficar por aqui, e torna-se imperioso destacar as diversas segmentações internas não apenas do(s) público(s) da BMJS em termos globais, como também do perfil que entre eles é maioritário, sob pena de ser aferido de forma apressada o seu grau de homogeneidade.

Essa análise da diversidade revelou a importância de outros perfis, sendo, realmente, apenas necessário entrar na BMJS (ou, provavelmente, em qualquer outra biblioteca municipal) para constatar isso mesmo, para verificar a presença de famílias, reformados ou jovens carenciados, por exemplo, todos eles parte integrante e saliente do quotidiano da biblioteca, apropriando-se dela, interagindo, compondo as heteróclitas paisagens sociais e sensoriais da instituição. A visibilidade marcada dos jovens estudantes não elimina a natureza híbrida e socialmente variegada da biblioteca, até porque esse grupo é ele próprio internamente diferenciado (em termos de níveis de ensino frequentados, relações estabelecidas com a esfera laboral e origens de classe, por exemplo). O mesmo se passa em relação aos outros traços sociais fortes dos públicos da BMJS: se se pode dizer que ela é mais frequentada por mulheres, também é verdade que elas se inserem diferencialmente na estrutura profissional ou que as activas são em muito menor número que as estudantes; se são verificáveis as características globalmente qualificadas e escolarizadas dos utilizadores, a pluralidade das suas origens sociais também o é, etc.

Particularmente a análise de classes, realizada em articulação com outros indicadores, permitiu a identificação de um *duplo padrão de recrutamento social* (Machado e outros, 2003) – que se traduz na presença simultânea na biblioteca de indivíduos oriundos quer de classes mais privilegiadas, quer das mais desprovidas de

recursos –, e ajudou a trazer à luz a diversidade de composições, posições, capitais, disposições, trajectos e estratégias que os utilizadores da biblioteca transportam para dentro dela e que são determinantes dos diálogos aí estabelecidos com as esferas da informação, da educação e da cultura. No seguimento dessa constatação, avança-se a hipótese de que a biblioteca serve, para uma porção muito apreciável dos seus utilizadores, como efectivo *ponto de acesso a formas objectivadas de capital cultural*, embora as estratégias de aproximação a esses recursos (de aquisição, de reprodução ou de reconversão, por exemplo) variem em função dos capitais de partida.

A análise de classes levou também à identificação da relação privilegiada que alguns dos protagonistas actuais da sociedade portuguesa têm com a biblioteca. De facto, segmentos da população como sejam as mulheres, as profissões do sector terciário, os profissionais técnicos e de enquadramento, os jovens estudantes em geral ou os estudantes universitários destacam-se entre os públicos. Perante isso, pode avançar-se outra hipótese: é em grande parte devido ao papel *mediatizador* da biblioteca relativamente a determinadas dinâmicas e fluxos globais de conhecimento, informação e cultura estruturantes das sociedades contemporâneas, *localizando-os*, que ela exerce atracção particular sobre, precisamente, os protagonistas nacionais desses fenómenos.

A apreciação sociológica dos protagonismos e padrões de recrutamento identificados permitiu, também, desenvolver ao longo da investigação uma reflexão mais alargada sobre os efeitos de alguns dos principais processos articulados de recomposição social e mudança cultural em Portugal – entre os quais mereceram destaque a elevação dos níveis de escolaridade e qualificação, a reestruturação dos sectores de actividade, as mudanças na estrutura socioprofissional, a reconfiguração das relações de classe, os fluxos de mobilidade social – sobre a composição social dos utilizadores da biblioteca. Numa formulação sintética, pode dizer-se que *os públicos culturais são plurais porque são plurais os processos sociais que determinam a sua constituição*.

A metáfora dos olhares que se cruzam, descrita no início deste ponto, pode ser usada ainda noutra acepção. Uma panorâmica dos públicos da BMJS feita pelo prisma da sua composição social, feita embora na confluência entre olhares mais abrangentes e olhares mais aproximados, constituindo etapa fulcral para a compreensão das condições de acesso à biblioteca e das relações que os indivíduos estabelecem com ela, não é suficiente em termos sociológicos, porquanto é necessário articulá-la, num segundo momento, com as práticas e processos que acontecem dentro desse contexto estruturado, com as representações que guiam essas práticas e com os sentidos que são construídos a

propósito da biblioteca, dos seus serviços, da informação a que ela permite aceder. A uma panorâmica dos públicos devem seguir-se, pois, aproximações sucessivas que, articulando recursivamente estruturas, disposições, contextos e práticas, permitam decifrar sociologicamente as relações entre a biblioteca e os seus públicos.

4.2 Perfis de utilização e modos de relação com a biblioteca

No ponto anterior foi brevemente esboçada uma interpretação sociológica da composição social dos públicos da biblioteca, com o objectivo de fornecer elementos válidos de resposta às perguntas: Quem utiliza a biblioteca? Porquê?

Sabendo-se quem acede à biblioteca, as razões dessa frequência precisam, contudo, de elementos suplementares para serem correctamente interpretadas. Sendo a identificação das características sociodemográficas, socioeconómicas e socioeducacionais dos indivíduos, uma vez que permite localizar as suas coordenadas genéricas e os seus horizontes de possibilidade de acção, essencial para compreender comportamentos (Bourdieu, 1979), ela tem que ser articulada com outros níveis analíticos relevantes.

Considerando que dificilmente as relações que os indivíduos estabelecem com a biblioteca podem ser apreendidas sem introduzir na análise os efeitos provocados pelas características programáticas e institucionais desta última e pelos parâmetros de contexto estruturado de interacção que ela configura, as diversas modalidades de frequência e utilização descritas nas páginas seguintes são entendidas como resultado do encontro das disposições (cuja configuração está associada de forma provável a determinadas condições de existência estruturalmente determinadas) que os indivíduos transportam com o contexto onde elas se actualizam de formas diversas (Velho, 1981, 1994; Costa, 1999; Lahire, 2003, 2004). Os diferentes modos de relação entre os indivíduos e a biblioteca, apenas uma dimensão de um sistema mais vasto de relações entre as pessoas e a informação, a educação e a cultura, surgem na confluência dessas posições, disposições, contextos e acções.

Tendo isto em conta, interessa expor brevemente neste último ponto algumas das principais reflexões feitas a propósito do segundo eixo do modelo analítico, agora enquadradas pelos perfis sociais que a operacionalização do primeiro eixo permitiu descobrir: modalidades de frequência, modalidades de utilização e avaliações feitas sobre a biblioteca são interpretadas na confluência das características sociais dos públicos e das propriedades contextuais da BMJS. A compreensão sociológica dos

públicos obtém-se então por aproximações sucessivas às diversas maneiras como os indivíduos se apropriam do equipamento utilizando os espaços e os suportes, relacionando-se com os funcionários e com outros utilizadores, frequentando as actividades culturais, exprimindo necessidades e fazendo avaliações. Os perfis genéricos de utilização que semelhante análise deixa esboçar, articulados com os perfis sociais anteriormente delineados, apontam para um conjunto de complexos modos de relação entre os indivíduos e a biblioteca; este último ponto apresenta também uma *proposta tipológica qualitativa de caracterização desses modos de relação*. Tenta-se assim identificar, para lá da selectividade social relativa dos públicos – onde assume particular destaque a sobrerrepresentação de jovens, estudantes, indivíduos muito escolarizados e muito qualificados em termos profissionais –, parâmetros de segmentação que permitam compreender de forma mais matizada as múltiplas utilizações que são protagonizadas e os vários sentidos que são construídos pelos indivíduos na biblioteca. Uma outra proposta de aferição da diversidade surge, nesta linha, sob a forma de uma outra *tipologia*, também qualitativa, *de modos de frequência*.

À semelhança do que foi dito no ponto anterior, uma análise dos públicos da BMJS auxiliada por um escrúpulo analítico de exploração da selectividade e da diversidade que subjazem à sua constituição, agora aplicado às modalidades de utilização reconhecíveis na biblioteca, permitiu desencobrir traços mais fortes e múltiplas segmentações. Assim, para além da existência de perfis sociais plurais, pode com propriedade afirmar-se a existência de perfis plurais de utilização dos espaços, dos recursos e da informação que constituem o *lugar*, simbólica e relacionalmente estruturado, BMJS.

Os traços mais fortes de caracterização social detectados anteriormente, determinados por processos múltiplos de selectividade e sobrerrepresentação – juventude, escolarização prolongada, qualificação profissional – reflectem-se nalgumas feições mais carregadas de utilização: visitas à biblioteca para utilização dos espaços e/ou dos fundos documentais – nomeadamente livros – para realização de trabalhos, para estudo ou para pesquisa rápida de informações. O duplo padrão de recrutamento classista dos públicos anteriormente enunciado tem influência nesta lógica destacada de apropriação instrumental da BMJS que deve, nessa linha, ser compreendida em parte como ponto de acesso ao capital cultural objectivado e também, alargando um pouco o âmbito da formulação, à informação num sentido mais lato, através da facilitação que é feita de suportes técnicos de mediação, como computadores e equipamentos

audiovisuais. A acção da biblioteca e dos seus agentes institucionais contribui igualmente, num certo sentido, para o predomínio das funções instrumentais, nomeadamente pela forma como são traduzidas as missões amplas da RNBP em serviços, regras de funcionamento, organização dos espaços e investidos os vários suportes, o que conduz, por exemplo, à permanência de hierarquizações simbólicas subtis (e menos subtis) de suportes e de tipos de informação e à selecção de determinadas actividades culturais e de determinados públicos-alvo. Tudo isso contribui para que o encontro dos públicos com a biblioteca dê origem a um predomínio específico de traços¹³. Factores externos à instituição, como o panorama genérico das bibliotecas escolares, os fracos índices de leitura e de frequência de bibliotecas da população portuguesa, o aumento recente dos níveis médios de escolaridade, entre outros, contribuem ainda para explicar práticas e representações que associam tendencialmente a biblioteca aos universos escolásticos.

Mas as aproximações analíticas mais pronunciadas que levei a cabo no decorrer da investigação a propósito das modalidades de frequência e utilização da BMJS, particularmente quando à informação recolhida pelo questionário foram acrescentados enunciados observacionais derivados da componente mais intensiva de pesquisa, permitiram destacar segmentações complexas e muitas vezes entrelaçadas, que encontram, sem dúvida, parte da sua explicação na natureza simultaneamente plural, flexível, aberta e negociável da biblioteca como símbolo e como espaço.

Desde logo porque a própria modalidade instrumental de utilização não pode ser encarada como homogénea; ela é assumida por cada indivíduo de maneira mais ou menos articulada com outras formas de utilizar e de agir e com outros sentidos de *leitura* da biblioteca e das suas dimensões de funcionamento. Mas muitas outras modalidades, minoritárias embora, foram reconhecidas e fazem parte integrante das relações estabelecidas entre a biblioteca e os seus públicos.

Será por isso útil em termos analíticos propor uma *tipologia qualitativa*, sugerida pelos dados do inquérito e por outros de natureza intensiva: pode referir-se a existência de cinco *modos de relação com a biblioteca*, adaptando a formulação de

¹³ Seria necessário abordar aqui demoradamente problemáticas não directamente consideradas neste trabalho, como o lugar do livro no contexto dos outros suportes da informação (impressos e não impressos), ou todas as ambiguidades e implícitos legitimistas e hierarquizantes que encontram lugar no conceito de democratização cultural para aprofundar as consequências das políticas culturais e das acções e representações dos agentes institucionais envolvidos no universo das bibliotecas públicas sobre o seu figurino e, portanto, sobre os públicos que as frequentam. Ver, a este respeito, Costa (1997) e as contribuições reunidas na segunda parte de AA. VV. (2004).

Costa e outros (2002, 2004), que intentam designar de maneira ideal-típica, e portanto sintética e agregada, diferentes feixes de práticas que acontecem no espaço da BMJS: *o instrumental, o cultivado, o autodidacta, o lúdico e o convivial*.

Esta tipologia tem como objectivo servir de mapa genérico útil para uma compreensão abrangente dos principais *sentidos* que a biblioteca assume para os seus utilizadores; cada um desses modos de relação pode por isso ser encarado como uma associação tendencial de representações, práticas e hábitos de utilização. Ela é simultaneamente um ponto de chegada do trabalho e uma pista de investigação, resumindo os resultados empíricos obtidos e problematizando-os ao mesmo tempo, apontando para a necessidade de proceder a novos questionamentos e de mobilizar outros métodos de abordagem aos públicos da biblioteca.

Ela serve também como instrumento de ruptura contra uma determinada ideia que se tem vindo a afirmar segundo a qual as novas bibliotecas públicas seriam pouco mais que grandes e muito bem equipadas bibliotecas escolares, “colonizadas” por estudantes. Ora essa é apenas uma faceta de uma realidade complexa e multidimensional, pelo menos na BMJS (e estou em crer que em muitas outras bibliotecas municipais). A biblioteca municipal de Loures configura-se antes como um espaço dinâmico em termos físicos e simbólicos, onde se intersectam sentidos e expectativas diversos, onde se estabelecem relações densas e negociadas, onde as sociabilidades, a cultura, a educação e o conhecimento acontecem quotidianamente.

Pode-se tentar resumir aquilo que cada modo de relação tenta encapsular em termos de práticas, representações e sentidos; eles podem também ser articulados com uma outra tipologia de modos de frequência¹⁴ de maneira a alargar as potencialidades cognitivas de ambas as propostas.

O modo *instrumental* é actualmente o predominante na BMJS e, estou em crer em face dos resultados de outras investigações, também em grande parte dos pólos da RNBP. Ele enquadra-se nalgumas imagens mais clássicas e escolásticas das bibliotecas como locais de estudo e erudição, propícios à concentração e à introspecção, associadas a uma apropriação regrada e controlada dos espaços e dos suportes, minimizando os ruídos e disciplinando os corpos. Os livros são ainda os suportes privilegiados no âmbito de necessidades escolares, profissionais ou outras de natureza homóloga. Os estudantes (e os trabalhadores-estudantes) do ensino secundário e do ensino/médio

¹⁴ E que inclui os seguintes grupos ideal-típicos: incondicionais, fidelizados, assíduos, regulares, ocasionais, estreates.

superior são os protagonistas principais deste modo de relação, onde é possível reconhecer lógicas e estratégias de reprodução, reconversão e aquisição de capitais culturais, mas as categorias profissionais mais qualificadas – profissionais técnicos e científicos e profissionais liberais – também o adoptam. Tem igualmente a ver com este modo de utilização um conceito mais recente de biblioteca como mediatizadora do acesso à informação prática e instrumental independentemente dos suportes, seja através da facultação do impresso – livros, revistas e jornais – seja pela disponibilização de serviços de internet.

O modo *cultivado* associa-se primacialmente à imagem da *Biblioteca* e do *Livro*, sendo apesar de tudo minoritário na BMJS e protagonizado por indivíduos com elevados níveis de escolarização e relações fortes e quotidianas com a leitura e a escrita. Nesta acepção, ela é encarada como lugar privilegiado de contacto desinteressado com o suporte documental mais legítimo e mais distinto, de acesso “às grandes obras da humanidade”, de guardião do saber e da cultura. É uma outra vertente das imagens habitualmente mais associadas às bibliotecas e comparte com o modo instrumental um conjunto de sentidos de apropriação correcta do espaço e de hierarquização dos suportes, com o livro no topo das prioridades. Também encontra o seu lugar no conjunto de concepções que os agentes institucionais têm dos seus papéis e das missões da biblioteca. Embora com alguns pontos de contacto com o modo *convivial*, algumas das actividades culturais que ocorrem na biblioteca como os Cafés Literários e as Comunidades de Leitores podem ser inseridas neste modo de relação cultivado: o livro e as leituras, particularmente nas suas encarnações mais legítimas, dominam os procedimentos.

O modo *autodidacta* aproxima-se em parte do *cultivado*, mas adquire sentidos algo diferentes na medida em que é protagonizado por indivíduos geralmente mais velhos, menos escolarizados e que, por vezes, têm relações muito intensas com a biblioteca, em termos de regularidade de utilização. Servindo bastas vezes para satisfazer apetências culturais que não estão reforçadas por competências adquiridas no quadro da escola ou da família, a biblioteca é encarada de forma ora “sagrada”, denunciando um reconhecimento da legitimidade de uma cultura cultivada que não pôde ser incorporada, ora mais dessacralizada, com os indivíduos que a ela recorrem a protagonizarem modalidades ou exclusivistas com o livro, no primeiro caso, ou omnívoras, no segundo, de utilização dos serviços e suportes: livros, jornais e revistas, mas também cd’s e a internet, esta última muitas vezes em processo de aprendizagem

auxiliado pelos funcionários. Muitos deles são os “incondicionais” da BMJS e encontram aqui alguma consecução os propósitos de apoio à auto-formação e formação ao longo da vida perfilhados pela RNBP.

Os dois outros modos de relação inserem-se primacialmente no quadro de algumas missões e dimensões de funcionamento emergentes nas bibliotecas públicas: sendo ainda minoritários em termos dos sentidos que são atribuídos (e declarados) à BMJS, já detêm grande protagonismo no quotidiano da instituição.

No *lúdico*, nem o livro nem sequer o impresso ocupam, forçosamente, lugar de destaque nas práticas de apropriação levadas a cabo pelos utilizadores, sendo muitas vezes esses suportes clássicos no espaço biblioteca preteridos em favor de outros como os cd's, os vídeos e a internet. As modalidades híbridas e complementares de consumo são as mais frequentes e enquadram-se em dinâmicas sociais de reestruturação de legitimidades e hierarquias culturais que a biblioteca também protagoniza ao dar lugar crescente – físico e simbólico – ao audiovisual e ao digital. Não são apenas os jovens que estabelecem este modo de relação, embora eles assumam, claramente, lugar de destaque: outros grupos, incluindo de meios mais desfavorecidos, recorrem à biblioteca para acederem a consumos e bens variados, recorrendo variavelmente aos suportes impressos e não-impressos. Certas actividades culturais como as animações de livros destinadas às famílias, ao definirem-se simultaneamente na base da experiência lúdica e da propiciação de interacções, inserem-se neste e no seguinte modo de relação, o *convivial*.

Neste último, a biblioteca aparece como palco privilegiado de sociabilidades, mesmo quando os motivos de visita que são declarados apareçam atribuídos a outras modalidades de utilização. Os parâmetros mais clássicos de apropriação do espaço são rompidos em prol do ruído, do movimento e da expressividade. Os jovens, principalmente, encontram na biblioteca um local onde múltiplas dimensões relevantes dos seus quotidianos e identidades podem ser articuladas e trabalhadas em interacção: os amigos e os namorados, a família, a escola, o lazer. Sem dúvida que, para muitos deles, a biblioteca se apresenta como um sítio onde o estudo se casa com o ócio e com as sociabilidades, um palco onde as culturas escolares e as culturas juvenis se intersectam de forma sincrética.

Sendo emergente, e articulando-se de forma variada com outros modos de relação, o *convivial* integra-se de maneira ainda desconfortável e problemática com modalidades mais clássicas de representação e uso dos recursos e serviços da biblioteca.

Se os perfis sociais dos públicos devem ser encarados como *plurais*, e as modalidades de frequência como eminentemente *flutuantes*, os modos de relação entre os indivíduos e a biblioteca são, essencialmente, *sincréticos*. Esta tipologia procura, com todos os riscos de simplificação excessiva associados a este tipo de procedimentos, identificar alguns dos elementos principais que compõem esse sincretismo, amplificando-os e, por isso, tornando-os mais visíveis e passíveis de interpretação. Obviamente, a realidade empírica que ela tenta retratar de forma plausível é consideravelmente mais complexa: os vários modos de relação identificados cruzam-se nos vários públicos da biblioteca e também dentro dos indivíduos que os constituem. As modalidades de apropriação instrumental da BMJS acontecem entrelaçadas com as lúdicas, assim como o modo de relação cultivado faz-se, por vezes, em articulação com o convivial; o autodidacta confunde-se com o lúdico e o cultivado com o instrumental. Pode afirmar-se, nesta linha, que os indivíduos que frequentam as bibliotecas municipais já não são leitores, ou já não são só ou sequer principalmente isso, mas sim públicos, e não apenas de cada biblioteca como instituição cultural mas também do saber e do conhecimento a que elas permitem aceder.

A tipologia permite também problematizar algumas categorias dicotómicas de interpretação, como sejam a de públicos efectivos e públicos potenciais, por exemplo. E isto porque, na oferta plural das bibliotecas municipais, eventualmente o que mais existe são *públicos parciais*, ou seja, indivíduos que utilizam alguns dos recursos e espaços dos equipamentos e não outros, que aí apenas estudam não se interessando pelas actividades culturais oferecidas, ou que, ao contrário são assíduos das actividades mas não frequentam regularmente a biblioteca, que apenas vão à internet ou, então, que apenas verificam o email, que utilizam principalmente os sistemas de empréstimo domiciliário, nunca permanecendo mais que alguns minutos em cada visita. Os exemplos poderiam suceder-se. Aliás, outras categorias tipológicas poderiam ser acrescentadas, desmultiplicando combinações múltiplas de práticas e sentidos: poderia igualmente falar-se de públicos especializados, ecléticos ou omnívoros relativamente aos vários suportes documentais, ou então de públicos empenhados ou indiferentes em relação ao funcionamento quotidiano da biblioteca. Estas combinatórias permitiriam certamente mapear de forma mais fiel o panorama social e cultural da RNBP.

É, portanto, útil em termos analíticos pensar o universo de públicos em termos dos modos diferenciados de relação que as pessoas estabelecem com a biblioteca, que variam com o tempo e as circunstâncias e que nem sempre se definem a partir de perfis

sociais; aliás as articulações que podem ser estabelecidas entre estes últimos, as várias categorias da tipologia de modos de relação e as categorias da tipologia de modos de frequência, a serem devidamente exploradas, permitiriam obter uma aproximação mais produtiva à realidade social da biblioteca e dos seus públicos.

Referências bibliográficas

- AA. VV. (2004), *Públicos da Cultura*, Actas do Encontro organizado pelo Observatório das Actividades Culturais no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 24 e 25 de Novembro de 2003, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.
- Aleixo, André, Rui Pedro Pinto e Sofia Alexandra Cruz (1999), *O Lugar da Leitura na Oferta Cultural Concelhia: Os Casos de Mirandela e Guimarães*, Sobre a Leitura, 1ª série, vol. III, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais/IPLB.
- Almeida, Ana Nunes de (1992), “Meio social, família e classe operárias”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 11, pp. 27-41.
- Almeida, João Ferreira de, José Machado Pais, Anália Cardoso Torres, Fernando Luís Machado, Paulo Antunes Ferreira e João Sedas Nunes (1996), *Jovens de Hoje e de Aqui. Resultados do Inquérito à Juventude do Concelho de Loures*, Loures, Câmara Municipal de Loures.
- Almeida, João Ferreira de, Patrícia Ávila, José Luís Casanova, António Firmino da Costa, Fernando Luís Machado, Susana da Cruz Martins e Rosário Mauritti (2003), *Diversidade na Universidade. Um Inquérito aos Estudantes de Licenciatura*, Oeiras, Celta.
- Alves, Alberto e Nuno Ricardo (2000), *Hábitos de Leitura na Biblioteca Municipal de Esposende*, Sobre a Leitura, 2ª série, vol. III, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais/IPLB.
- Banha, Rui (coord.) (2001), *Diagnóstico Sociocultural de Loures – I: Contextualização Sócio-Espacial e Enquadramento Teórico-Metodológico*, Loures, Câmara Municipal de Loures.
- Biblioteca Municipal José Saramago (2001), *Quadro Normativo*, Loures, BMJS.
- Bourdieu, Pierre (1979), *La Distinction. Critique Sociale du Jugement*, Paris, Minuit.
- Bourdieu, Pierre (1998 [1997]), *Meditações Pascalianas*, Oeiras, Celta.
- Bourdieu, Pierre (2002 [1972]), *Esboço de Uma Teoria da Prática. Precedido de Três Estudos de Etnologia Cabila*, Oeiras, Celta.
- Brasão, Inês, Nuno Domingos e Tiago Santos (2004), *Leitores de Bibliotecas Públicas. Inquérito à Rede de Leitura Pública na Região de Lisboa*, Lisboa, Edições Colibri.
- Burgess, Robert G. (1997 [1984]), *A Pesquisa de Terreno. Uma Introdução*, Oeiras, Celta.
- Cabral, Luís (1999), *As Bibliotecas Públicas Portuguesas. Problemas e Propostas de Desenvolvimento*, Porto, Edições Afrontamento.
- Câmara Municipal de Loures (2000), *Rede de Leitura Municipal Pública*, Loures, Câmara Municipal de Loures.
- Cardoso, Gustavo, António Firmino da Costa, Cristina Palma Conceição e Maria do Carmo Gomes (2005), *A Sociedade em Rede em Portugal*, Porto, Campo das Letras.

- Costa, António Firmino da (1984), “Alfama: Entreposto de mobilidade social”, *Cadernos de Ciências Sociais*, 2, pp. 3-35.
- Costa, António Firmino da (1986), “A pesquisa de terreno em sociologia”, em Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Afrontamento, pp. 129-148.
- Costa, António Firmino da (1997), “Políticas culturais. Conceitos e perspectivas”, *OBS*, 2.
- Costa, António Firmino da (1999), *Sociedade de Bairro. Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*, Oeiras, Celta.
- Costa, António Firmino da (2004), “Dos públicos da cultura aos modos de relação com a cultura: Algumas questões teóricas e metodológicas para uma agenda de investigação”, em AA. VV., *Públicos da Cultura*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais, pp. 121-140.
- Costa, António Firmino da, Rosário Mauritti, Susana da Cruz Martins, Fernando Luís Machado e João Ferreira de Almeida (2000), “Classes sociais na Europa”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 34, pp. 9-43.
- Costa, António Firmino da, Patrícia Ávila e Sandra Mateus (2002), *Públicos da Ciência em Portugal*, Lisboa, Gradiva.
- Ferreira, Paulo, Ricardo Mendes e Inês Pereira (2001), *Jovens, Leitura e Novas Tecnologias de Informação: A Biblioteca Afonso Lopes Vieira*, Sobre a Leitura, 3ª série, vol. II, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais/IPLB.
- Fortuna, Carlos e Fernando Fontes (2000), *Bibliotecas Públicas, Utilizadores e Comunidades: O Caso da Biblioteca Municipal António Botto*, Sobre a Leitura, 2ª série, vol. I, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais/IPLB.
- Freitas, Eduardo de (1998), *As Bibliotecas em Portugal. Elementos para uma Avaliação*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.
- Gomes, Rui Telmo (2004), “A distinção banalizada? Perfis sociais dos públicos da cultura”, em AA. VV., *Públicos da Cultura*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais, pp. 31-41.
- Gomes, Rui Telmo, Vanda Lourenço e João Gaspar Neves (2000), *Públicos do Festival de Almada*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.
- IFLA/UNESCO (2003), *Os Serviços da Biblioteca Pública. Directrizes da IFLA/UNESCO*, Lisboa, Caminho.
- IPLB (2002), *Programa de Apoio às Bibliotecas Municipais*, Lisboa, IPLB.
- Lahire, Bernard (2002), *Portraits Sociologiques. Dispositions et Variations Individuelles*, Paris, Nathan.
- Lahire, Bernard (2003 [1998]), *O Homem Plural. As Molas da Acção*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Lahire, Bernard (2004), *La Culture des Individus. Dissonances Culturelles et Distinction de Soi*, Paris, La Découverte.
- Lahire, Bernard (2005), “Patrimónios individuais de disposições. Para uma sociologia à escala individual”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 49, pp. 11-42.
- Lopes, João Teixeira e Lina Antunes (1999), *Bibliotecas e Hábitos de Leitura: Balanço de Quatro Pesquisas*, Sobre a Leitura, 1ª série, vol. IV, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais/IPLB.

- Lopes, João Teixeira e Lina Antunes (2000), *Bibliotecas e Hábitos de Leitura: Instituições e Agentes, Sobre a Leitura*, 2ª série, vol. V, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais/IPLB.
- Lopes, João Teixeira e Lina Antunes (2001), *Novos Hábitos de Leitura: Análise Comparativa de Estudos de Caso*, Sobre a Leitura, 3ª série, vol. IV, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais/IPLB.
- Machado, Fernando Luís (2002), *Contrastes e Continuidades. Migração, Etnicidade e Integração dos Guineenses em Portugal*, Oeiras, Celta.
- Machado, Fernando Luís e António Firmino da Costa (1998), “Processos de uma modernidade inacabada”, em José Manuel Leite Viegas e António Firmino da Costa (orgs.) (1998), *Portugal, que Modernidade?*, Oeiras, Celta, pp. 17-44.
- Machado, Fernando Luís, António Firmino da Costa, Rosário Mauritti, Susana da Cruz Martins, José Luís Casanova e João Ferreira de Almeida (2003), “Classes sociais e estudantes universitários: Origens, oportunidades e orientações”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 66, pp. 45-80.
- Mauritti, Rosário (2002), “Padrões de vida dos estudantes universitários nos processos de transição para a vida adulta”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 39, pp. 85-116.
- Melo, Daniel (2004), *A Leitura Pública no Portugal Contemporâneo (1926-1987)*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- Monteiro, Ana (1999), *A Biblioteca Pública de Beja como Espaço de Inter-acção*, Sobre a Leitura, 1ª série, vol. II, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais/IPLB.
- Moura, Ana Mocuixe (2001), *Práticas de Leitura, Jovens e Novas Tecnologias: A Biblioteca Municipal de Oeiras*, Sobre a Leitura, 3ª série, vol. I, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais/IPLB.
- Nunes, Joana Saldanha e José Soares Neves (2005), *As Bibliotecas Municipais de Cascais*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.
- Pinto, José Madureira (2004), “Para uma análise sócio-etnográfica da relação com as obras culturais”, em AA. VV., *Públicos da Cultura*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais, pp. 19-29.
- PULMAN (2002), *PULMAN Country Report: Information on Public Libraries – Portugal*. [<http://www.pulmanweb.org/countries/country%20profiles/infoPortugal.htm>, acessado em 12 de Fevereiro de 2004]
- Santos, Maria de Lourdes Lima dos (2004), “Apresentação”, em AA. VV., *Públicos da Cultura*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais, pp. 7-16.
- Santos, Maria de Lourdes Lima dos (coord.) (2001), *Públicos do Teatro S. João*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.
- Santos, Maria de Lourdes Lima dos (coord.) (2002), *Públicos do Porto 2001*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.
- Silva, Augusto Santos (2004), “As redes culturais: Balanço e perspectivas da experiência portuguesa, 1987-2003”, em AA. VV., *Públicos da Cultura*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais, pp. 241-283.
- Velho, Gilberto (1981), *Individualismo e Cultura. Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Velho, Gilberto (1994), *Projeto e Metamorfose. Antropologia das Sociedades Complexas*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Ventura, João J. B. (2002), *Bibliotecas e Esfera Pública*, Oeiras, Celta.